

ARTIGO ORIGINAL**Grilhão, Argola, Corrente: uma mesma imagem, diferentes significados
Shackle, Ring, Chain: the same image, different meanings**Ana Carmen Nogueira¹

Resumo: Este texto procura fazer uma reflexão sobre leitura de imagem e a pessoa com deficiência visual. Apoiamos-nos no texto de Fernando A.G de Azevedo "A arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e reinventar seu cotidiano", uma instigante leitura de imagens da obra do artista chinês Chien Chi apresentada na 25ª Bienal de São Paulo. A partir desta experiência estética de Azevedo, nos apropriamos de suas descobertas para fazer um trabalho de audiodescrição. Na análise da leitura de imagens e da audiodescrição buscamos nos embasar em alguns estudiosos da imagem como Alberto Manguel, Mirian Celeste Martins e Susan Sontag Para pensar na leitura de imagens para pessoas com deficiência visual nos apoiamos nas lições de Begoña Consuegra Cano.

Palavras-chaves: Leitura de imagem; Audiodescrição; Deficiência visual.

Abstract: This text seeks to reflect on image reading and the visually impaired person. We rely on Fernando A.G de Azevedo's text "Art enables human beings to rethink their certainties and reinvent their daily lives", an instigating reading of images from the work of Chinese artist Chien Chi presented at the 25th Bienal de São Paulo. From this aesthetic experience of Azevedo, we appropriated his discoveries to do an audio description work. In the analysis of image reading and audio description, we seek to base ourselves on some image scholars such as Alberto Manguel, Mirian Celeste Martins, and Susan Sontag. To think about reading images for people with visual impairments we rely on the lessons of Begoña Consuegra Cano.

Keywords: Reading images; Audio description; Visually impaire.

¹ Artista, Educadora e Arteterapeuta. Graduada em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado, tem Pós-graduação/especialização em Educação Especial pela UNICID, Arteterapia pelo Centro Universitário FIEO. Mestre e Doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Leitura de imagens

Ler é atribuir significados, é interpretar o mundo produzindo sentidos, traduzindo fatos e imagens para sua própria codificação, tentativa de recontar a aventura humana por meio das linguagens”. (AZEVEDO, 2009, p. 335).

Ler é interpretar os signos, os códigos, os símbolos que chegam a nós por diferentes formas e meios. A professora Mirian Celeste Martins relata encantada as descobertas do neto e a interpretação que ele faz dos códigos visuais. Conta que seu neto de três anos de idade, em uma loja de moldura, mostrou o símbolo do seu carro pendurado na parede. Eram cantos de molduras penduradas uma em cima da outra, lembrando o símbolo da “Citroën”.

Vivemos em um mundo repleto de imagens que conversam conosco, nos oferecem sentidos e novos significados. Desde muito cedo estamos familiarizados com uma grande quantidade de personagens e cenas da vida cotidiana. Por meio da visão, percebemos formas, tamanho, distância, posição e localização. “Como seres da cultura, atribuímos sentido a tudo o que vemos” (MARTINS, 2010, p. 20). No entanto, dentro da contemporaneidade Martins (2010, p. 21) adverte, devemos estar atentos à diferenciação entre representação e presentificação. Enquanto representar significa “estar no lugar de outra coisa”, presentificar “quer dizer ter semelhança com outra imagem ou coisa”. A arte não representa, ela presentifica, cria algo novo, cria signos que podem ser percebidos por todos os nossos sentidos em um novo modo de perceber a realidade. A arte nos proporciona ferramentas de apreensão do nosso meio, favorece o conhecimento, nos ajuda a ressignificar.

Paulo Freire (1989) afirma que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e que toda a leitura é influenciada pela experiência de vida de cada um. As crianças desde muito cedo, muito antes da aquisição dos códigos da leitura e da escrita, decodificam o meio em que vivem.

Em sentido freireano, ler o mundo nos humaniza, nos religa ao outro e ao universo. Ler possibilita inventividade por exigir recriação da trama textual como expressão histórica e social que muda a face do mundo, desfazendo certezas e instaurando novos modos de perceber o real. (AZEVEDO, 2009, p. 336).

A arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e reinventar seu cotidiano é o título do capítulo do livro *Arte/educação como mediação cultural e social*, apresentado por Azevedo (2009), mas também é uma afirmação. Inicia com uma afirmativa universal que diz que todos nós, seres humanos, temos a possibilidade de repensar nossas certezas e

reinventar nosso cotidiano por meio da arte. Arte que requer leitura de uma imagem. Afirma Azevedo que o ato de ler nos torna mais humanos e nos religa ao outro e ao universo. Lembra ainda que essa leitura de imagens necessita de um grande diálogo entre o leitor e o autor, criando conexões com os diferentes saberes culturais.

Susan Sontag em *Diante da dor dos outros* (2003) destaca que, diante de uma fotografia existe uma multiplicidade de leituras e de comportamentos possíveis. Santog (2003) relembra o pintor espanhol Francisco Goya na série de gravuras *Os Desastres da Guerra*, onde retratava a crueldade da guerra da independência espanhola 1810 – 1815. Aponta que este olhar de Goya é o olhar da indignação diante dos horrores da guerra que é o olhar que até hoje o homem ocidental possui. No entanto, a mudança de contexto político e ideológico pode trazer outra leitura sobre uma mesma imagem. Um iraquiano provavelmente terá uma leitura completamente diferente da de um norte-americano diante da mesma imagem de guerra. Portanto, a leitura da imagem depende do contexto a que o leitor está inserido.

Neste aspecto, Azevedo (2009) relembra que na contemporaneidade, o papel do arte-educador, do professor e do artista, e acrescentamos do arteterapeuta, é o de mediador das relações com a imagem. Para esclarecer sobre o termo mediação, entendemos a mediação “como um rico processo, como um espaço de “estar entre muitos”, onde o mediador (educador, professor), o fruidor e a obra de arte, dialogam e criam uma fecunda rede de relações” (Grupo de Pesquisa em Mediação: contaminações e provocações estéticas. UNESP, 2011, p. 303).

Assim, todas as imagens que nos chegam por diferentes meios fazem com que o professor/artista/arteterapeuta-mediador seja o promotor de diálogos entre a imagem e seu observador. Azevedo (2009, p. 337) acredita que o mediador deve promover “um sistema de trocas simbólicas em que o leitor – ativo participante – passa a compreender a dimensão estética e artística presente no cotidiano”, levando assim à reflexão crítica do mundo em que vivemos e atuamos.

Para o escritor argentino Alberto Manguel (2009, p. 21), “as imagens, assim como as histórias, nos informam”. Lembra Aristóteles que afirmava que a alma não pensava sem uma imagem mental, e nos aponta que para a pessoa cega outras formas de percepção do mundo suprem a imagem mental que será interpretada. As pessoas videntes vivem em um mundo rodeado constantemente de imagens que são capturadas pela visão e realçadas por todos os outros sentidos. Essas imagens possuem significados múltiplos que variam constantemente e que se transformam em linguagem “feitas de imagens traduzidas em palavras e de palavras traduzidas em imagens” que nos ajudam a compreender a nossa

existência. “Somos feitos de imagens e de palavras”, sentencia o autor, ao mesmo tempo em que levanta vários questionamentos:

Mas qualquer imagem pode ser lida? Ou, pelo menos, podemos criar uma leitura para qualquer imagem? E, se for assim, toda imagem encerra uma cifra simplesmente porque ela parece a nós, seus espectadores, um sistema autossuficiente de signos e regras? Qualquer imagem admite tradução em uma linguagem compreensível, revelando ao espectador aquilo que podemos chamar de Narrativa da imagem, com N maiúsculo? (MANGUEL 2009, p. 21).

Leitura de imagens e a pessoa com deficiência visual

Pensando nestas questões apresentadas por Manguel e refletindo sobre a leitura de imagens que Azevedo nos apresentou em seu texto, introduzo nosso foco de interesse que é a deficiência visual e a arte. Como professora artista e pesquisadora, atuamos na área da deficiência visual desde 2004, assim como desenvolvendo materiais adaptados às necessidades desse grupo de pessoas. Em 2008, lançamos uma coleção de livros focados para as necessidades das crianças com deficiência visual. Cada livro desenvolve pequenas histórias interativas onde o elemento apresentado chama o leitor a um passeio pelas páginas do livro, abrindo assim portas e janelas para o imaginário. A proposta dos livros é contribuir com o desenvolvimento das estruturas de lateralidade, orientação espacial, temporal, coordenação motora, autoconfiança, atenção, e percepção tátil das crianças.

Com interesse em leitura de imagens e aproximações da pessoa com deficiência visual no mundo da arte e da cultura, buscamos novos conhecimentos e caminhos para serem trilhados junto com as pessoas cegas e com baixa visão. Assim, sempre nos encontramos à procura por meios de acesso à informação, cultura e arte para pessoas que não possam se valer dos meios de comunicação visual.

Enfatizamos o que já foi dito anteriormente, que desde que nascemos estamos lendo diferentes códigos. Deciframos o mundo por meio de nossos sentidos. Lemos o mundo para nos compreender e para compreender o outro. De diferentes maneiras vamos desenvolvendo a capacidade de ler o mundo. Passamos perto de uma padaria e sentimos o aroma do pão quentinho e logo surge na nossa mente a imagem do pão dourado, crocante e saboroso. Lemos o mapa da cidade para encontrar nosso caminho, lemos a partitura que tocará uma música, lemos os sinais de irritação, de medo, de amor e amizade. Lemos o outro, lemos o mundo e deciframos um pouco de nós mesmos.

Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a

compreender. Não podemos deixar de ler. Ler é como respirar, é nossa função essencial. (MANGUEL, 2004, p. 21).

Refletindo sobre a importância de ler e compreender o mundo, o outro e a nós mesmos, tendo a leitura do mundo “nossa função essencial”, voltamo-nos à pessoa com deficiência visual.

Sabemos que é principalmente por meio do tato e da audição que o cego e a pessoa com baixa visão se apropria das coisas do mundo à sua volta. Sua comunicação com o mundo é feita por meio do corpo, pela percepção háptica, auditiva e por sua mobilidade. O tato, a audição, o paladar, o olfato e a visão, atuam como canais de entrada de informações muito valiosas nas observações. Cada um dos sentidos proporcionam informações que se completam e cada um deles oferece informações específicas e especializadas. Os sentidos visual, háptico, auditivo, olfativo e gustativo oferecem uma representação da realidade por meio das diversas informações que são recolhidas do mundo ao redor. Essas capacidades de retirar diferentes informações do mundo oferecem na falta de um dos sentidos, a adaptação ao meio com os sentidos que são eficazes. Desta forma, é pela experiência que a pessoa com alguma deficiência sensorial vai se adaptando ao meio.

Para a pessoa cega ou com baixa visão, os sentidos háptico, auditivo, olfativo e gustativo são os canais de acesso à fruição da arte e da cultura. Por meio do tato e da descrição verbal assimilam as informações vindas do exterior.

A descrição completa e amplia as informações obtidas pelo tato. A linguagem permite que se tenha acesso a diferentes informações e conceitos como também um melhor reconhecimento tátil de uma obra adaptada. Tradicionalmente se diz que descrever é “pintar com palavras”. Quando se apresenta uma obra em relevo, adaptada ao tato, é possível oferecer informações sobre a localização e o número das figuras dentro da composição, no entanto, não se consegue transmitir, as cores, transparências, luzes e sombras e toda a atmosfera que se encontra na cena. Esses problemas são amenizados pela descrição destes elementos (CANO, 2002).

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, gravados ou ao vivo, como: peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas, desfiles e espetáculos de dança; eventos turísticos, esportivos, pedagógicos e científicos tais como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras e outros, por meio de informação sonora. É uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. Além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição amplia também o

entendimento de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxicos. (MOTTA; ROMEU, 2010, p. 11).

Como recurso de acessibilidade acreditamos que a audiodescrição pode ser considerada não apenas uma atividade de mediação linguística, mas uma mediação cultural e social. Entendendo mediação cultural e social como o “esforço para ampliar o contato, o discernimento, o prazer da população com a cultura que a cerca, resulta em benefícios sociais como qualidade das relações humanas e compreensão de si e do outro”. (BARBOSA, 2009, p. 21).

Cano (2002) ressalta que os estudiosos na área da deficiência visual têm se preocupado com o emprego desta ferramenta na questão do verbalismo. Verbalismo é a tendência a referir-se às coisas sem saber ao certo o que são, isto é, ter conhecimento verbal que não corresponde ao conhecimento perceptivo. Verbalismo é conhecer teoricamente sem ter a experiência. Os teóricos insistem que é de grande importância que a pessoa cega ou com baixa visão tenha um conhecimento o mais direto possível do mundo que a rodeia. É fundamental que os materiais e as atividades que são dirigidas a esse grupo de pessoas potencializem o uso do tato e que a formação não seja baseada apenas na oralidade. No entanto, podemos verificar que trabalhos recentes no campo da sociologia e da história da arte insistem que o aproveitamento de qualquer tipo de informação tátil se torna mais eficaz quando se complementa com uma descrição verbal.

Descrever nunca é fácil, porque normalmente vemos um significado imediato em uma imagem bidimensional ou em um objeto tridimensional, e ao falar sobre estes assuntos estamos realizando uma série de traduções da imagem em palavras. Esta tradução possui inúmeras dificuldades, uma vez que a mesma imagem pode ter muitos significados, mas as palavras apenas transmitem aquilo que foi escolhido pela pessoa que realizou a descrição. (CANO, 2002, p. 44, tradução nossa²).

Além disso, continua a autora, temos a dificuldade em relação à bagagem cultural de quem está recebendo a informação, uma vez que a pessoa com deficiência visual pode ter pouca ou nenhuma experiência com objetos de arte e com conceitos e expressões ligados a leitura da obra de arte. A qualidade da descrição também depende dos conhecimentos de quem a faz, depende dos conhecimentos sobre a matéria e sobre a obra.

² Describir nunca es fácil, porque normalmente vemos un significado inmediato en una imagen bidimensional o en un objeto tridimensional, y al hablar sobre estos mismos sujetos realizamos una suerte de traducción de la imagen en palabras. Esta traducción no carece de dificultades, dado que la misma imagen puede tener muchos significados pero las palabras sólo transmiten el elegido por quien realiza la descripción.

The chain: grilhão, argola, corrente

Pincelados alguns aspectos da audiodescrição, voltamos às reflexões de Azevedo (2009). Esse autor nos apresenta sua experiência estética diante da obra *The Chain* de Chien Chi Chang que foi apresentada em 2002, na 25ª Bienal de São Paulo.

O trabalho de Chien Chi³, descrito por Azevedo (2009) consistia na exposição de 40 fotos em preto e branco, no formato 1,07 x 1,58 m. As fotos expunham uma série de pessoas orientais acorrentadas em duplas ou trios, vestindo quimonos muito simples, com os pés descalços ou com sandália de dedo, todas tinham as cabeças raspadas. Todos os personagens se encontram de pé de frente para o fotógrafo. As fotos foram tiradas de uma posição de baixo para cima, dando a impressão de que as pessoas eram maiores. A iluminação das fotos foi feita de frente, de baixo para cima e o fundo sempre escuro e o chão mais claro. Todas as imagens estavam posicionadas a 60 cm do chão, uma ao lado da outra.



Figura 1 - Chien-Cho-Chang. The chain. 2001. <https://www.lensculture.com/cchang>

Azevedo (2009) conta que a primeira leitura que fez dessas imagens lhe trouxe reminiscências de nosso passado escravocrata, do regime militar cruel, e a degradação do ser humano por outro. Levantando a interrogação: *É assim que o povo oriental trata seus loucos?*

Chien Chi Chang fotografou internos da Lung Fa Tang, uma instituição privada de pacientes psiquiátricos em Kaohsiung, Taiwan, entre 1993 e 1999. No entanto, a informação mais significativa para a leitura interpretativa da instalação foi saber como eram chamadas as correntes e com qual finalidade elas eram usadas nos pacientes: *correntes de sentimentos* que são usadas com um sentido terapêutico. (AZEVEDO, 2009, p. 342).

Em sua terceira visita à exposição, Azevedo (2009) encontra um folder explicativo sobre o contexto daquelas imagens que o faz ressignificar toda leitura de signos, símbolos,

³ Chien-Cho-Chang. The chain. 2001. <https://www.lensculture.com/cchang>

presentificando aquelas imagens. Isto é, da obra emerge algo novo, novos significados que faz com que perceba uma outra realidade. Os monges usavam aquelas correntes para criar vínculos entre os pacientes, vínculos de afeto, construindo uma relação com o outro, com o mundo.

Essas imagens, assim como para Fernando Azevedo, nos foram impactantes e ficaram registradas em nossa retina para sempre. Mas, apesar de saber que aquelas correntes procuram libertar, as imagens desconfortam, deslocam, desafiam. Como desafio, dentro do curso de audiodescrição que fizemos em 2011, apresentamos o trabalho de Chien Chi dentro da perspectiva de Azevedo (2009). O curso "Formação em Audiodescrição: Roteiro e Produção", foi desenvolvido pelo *Museus Acessíveis* em parceria com a *Fundação Dorina Nowill para Cegos*. Seu objetivo era formar profissionais para atuar e desenvolver audiodescrição em espetáculos, filmes, teatros, exposições de arte, propaganda e diversos meios de comunicação, tendo como foco final a inclusão cultural das pessoas com deficiência visual. Seu público-alvo era composto por profissionais e estudantes das áreas de comunicação, tradução, educação, cultura, artes, museus, produção cultural e demais interessados. O curso foi composto por aulas teóricas e atividades práticas sobre as diferentes modalidades de audiodescrição e suas especificidades como: eventos presenciais, cinema, publicidade, produtos editoriais, exposições e outros. A coordenação e aulas prático-teóricas foram de Viviane Sarraf.

Foi apresentado um vídeo com audiodescrição. A música de fundo era Bachiana de Heitor Villa Lobos. O vídeo foi elaborado com o intento de seguir as descobertas de Azevedo na 25ª Bienal de São Paulo. Em um primeiro momento, apresentamos alguns pensamentos sobre a leitura de imagens e arte contemporânea encontradas no texto. A seguir apresentamos o primeiro olhar, o primeiro contato diante da obra de Chien Chi e esperamos provocar algumas questões e estranhamentos que surgem a partir do contato com a obra criando um diálogo entre o que se apresenta e aquele que escuta. Apresentamos o questionamento de Azevedo. Depois, foi proposto um olhar mais atento, percorrendo novamente o conjunto de fotos, descrevendo com maior cuidado o cenário e a posição de cada personagem assim como a posição do fotógrafo e do espectador diante da obra. Contextualizamos a obra seguindo o texto de Azevedo e fechamos o trabalho para que cada um pudesse elaborar as informações de acordo com a sua bagagem cultural, seu conhecimento do mundo e esperávamos criar questionamentos e novos modos de perceber aquelas imagens apresentadas.

Procuramos retratar o primeiro contato, e a diferença que vai se criando conforme nos aprofundamos e revemos a imagem que observamos e vamos associando às nossas

experiências no mundo. “No início não havia nada, exceto a própria pintura”. Manguel (2009, p. 27) chama a atenção para seu primeiro olhar sobre uma pintura de Van Gogh *Barcos na praia de Saintes-Maries*, que teve contato por uma reprodução em um livro apresentado por sua tia aos dez anos de idade. A imagem o atingiu e por razões subjetivas se tornou importante para ele. Não sabia nada sobre o artista, sobre o contexto da obra, sobre o lugar que foi pintado. Era um olhar que reconhecia algo. Salienta que aquilo que conseguimos ver depende de nossa experiência no mundo, vemos aquilo que nos é familiar, imagens que conseguimos identificar, coisas que reconhecemos. Manguel (2009) observa que quando lemos uma imagem outras informações que estão fora delas, mas que carregamos em nossa bagagem cultural vem à tona, fazendo que ela se expanda para além da moldura ou da sala de exposição. Citando Malraux, acredita que criamos “canto da metamorfose” por termos a oportunidade de contato com outras pinturas e esculturas, de outras culturas e de outros tempos. Para nós, a leitura de imagens está atrelada a outras imagens que nos chegam por diversos meios diariamente. Quando estamos diante de uma imagem de arte mil outras obras nos vêm à mente pelo que Malraux chamou de “museu imaginário”.

Construímos nossa narrativa por meios de ecos de outras narrativas, por meio da ilusão do auto-reflexo, por meio do conhecimento técnico e histórico, por meio da fofoca, dos devaneios, dos preconceitos, da iluminação, dos escrúpulos, da ingenuidade, da compaixão, do engenho. Nenhuma narrativa suscitada por uma imagem é definitiva ou exclusiva, e as medidas para aferir a sua justeza variam segundo as mesmas circunstâncias que dão origem à própria narrativa. (MANGUEL, 2009, p. 28).

Considerações finais

A proposta de apresentar o trabalho de Chien Chi dentro da perspectiva de Azevedo era tentar responder algumas questões que nos assolam e que são muito parecidas com as questões apresentadas por Manguel (2009) como visto anteriormente neste texto. Seria possível por meio da transmutação das imagens em palavras, decodificar os signos que estão embutidos naquelas imagens? Seria possível desenvolver uma narrativa que abarcasse todo o universo daquelas imagens? Conseguiria instigar, deslocar, desafiar àquele que não foi propiciado a leitura direta da imagem visual? Cada um interpreta uma imagem de acordo com as suas vivências, experiências e conhecimento do mundo, então, ao descrever uma obra bidimensional, que não tem nenhum recurso tátil, quanto das minhas inquietações, questionamentos, surpresas e deslocamentos devem ser passados?

Ou não devo passar absolutamente nada e apenas relatar? Mas, quando estamos diante de uma obra de arte não trocamos modos de observar aquela obra? Não chamamos a atenção para algo que o outro não percebeu? Não existe uma triangulação entre a obra, o observador e o mediador? Como estar “entre muitos” não oferecendo respostas prontas, mas instigando, provocando, inquietando e contaminando de arte a alma do outro? Não sei se é possível algo como um sistema coerente para ler as imagens, similar àquele que criamos para ler a escrita (um sistema implícito no próprio código que estamos decifrando). Talvez, em contraste com um texto escrito no qual o significado dos signos deve ser estabelecido antes que eles possam ser gravados na argila, ou no papel, ou atrás de uma tela eletrônica, o código que nos habilita a ler uma imagem, conquanto impregnado por nossos conhecimentos anteriores, é criado imaginamos significados para o mundo à nossa volta, construindo audácia, a partir desses significados, um senso moral e ético para vivermos. (MANGUEL, 2009, pp. 32-33).

Estar diante de uma imagem, é estar diante de diferentes símbolos e significados. Não sei se conseguimos ler as imagens como lemos os escritos, assim como escutamos uma música, estamos criando imagens mentais que dificilmente conseguimos transpor para a escrita. A grande beleza das imagens é que elas nos habitam, nos ajudam a compreender o mundo e o outro. As imagens nos habitam e nos explicam.

Data de recebimento: 16.03.2021
Data de aceite 1º parecerista: 24.11.2021
Data de aceite 2º parecerista: 08.01.2

Referências bibliográficas

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Edusp, 1980. Introdução, p. xii.

AZEVEDO, Fernando A.G. de, **A arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e reinventar seu cotidiano**. In: BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **Mediação cultural é social**. In: BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

CANO, Begoña Consuegra. **El acceso al patrimonio histórico de las personas ciegas y deficientes visuales**. Madrid: Organización Nacional de Ciegos Españoles (ONCE), 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

Grupo de Pesquisa em Mediação: contaminações e provocações estéticas – **Mediação Cultural entre Territórios de Arte&Cultura**, UNESP, 2011, p. 303.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. São Paulo: Cia das Letras. 2004.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Cia das Letras. 2009.

MOTTA, L.M.V. e ROMEU FILHO, P. (orgs): **Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras**. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

SANT'ANNA, Laercio. **A Importância da Audiodescrição na Comunicação das Pessoas com Deficiência**. In MOTTA, L.M.V. e ROMEU FILHO, P. (orgs): **Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras**. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Cap.II Materialidade e Imaginação Criativa Petrópolis, Vozes, 1989.